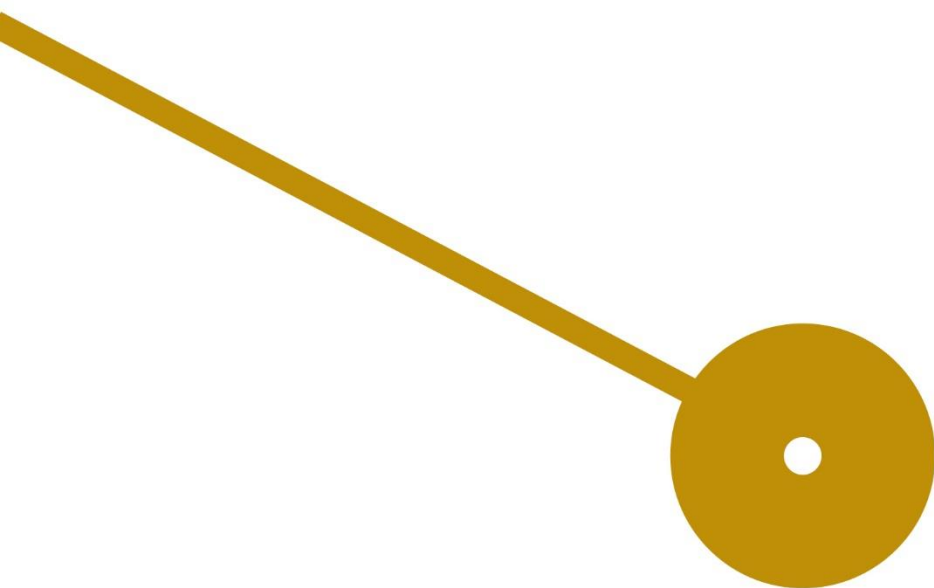


# Voz Do Útero: No momento em que me distingo de ti, não te afasto (aproximo-me)

Ana Margarida Fernandes de Carvalho

10/2023



M

MESTRADO  
ARTES CÉNICAS  
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

# Voz Do Útero: No momento em que me distingo de ti, não te afasto (aproximo-me)

Ana Margarida Fernandes de Carvalho

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do  
Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre  
em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística

Professora Orientadora  
Renata Gaspar

10/2023

Dedico este trabalho à minha Mãe e ao meu Pai, as criaturas que me deram o presente mais precioso que alguma vez recebi, a Vida.

## **Agradecimentos**

Quero começar por agradecer ao grupo de mulheres artistas que aceitou partilhar esta viagem comigo: Maria Leite, que tem sido companheira de palco nos últimos anos e foi nesta criação artística a minha parceira de criação e de cena e muito, muito mais; Katty Xiomara, Sílvia da Torre e Tatiana Afonso, que foram as criadoras dos figurinos e com quem tive o privilégio de poder trabalhar pela primeira vez; Isadora Ribeiro, que fez a ilustração do projeto artístico e Maria A., que tomou conta da produção. Denise Martins Silveira, que foi doula e madrinha desta criação artística. Agradeço às criaturas que contribuíram com os seus dons, tornando possível a conclusão desta travessia: Renata Gaspar, Cláudia Marisa, Maria João Teixeira, Margarida Wallenkamp, Mariana Rodrigues, Joana Alves, Mariana Christovam, Ione, Silvana, Jennifer Paixão, Micheli, Daniela, Ana Marcelino, Joana Vitória Martins, Juliana Lessa, Mariana Ferreira, Susana Gouveia, Fátima São Simão, Manuel Monteiro e à Associação de Moradores da Bouça. Agradeço às Bruxas, Santas, Deusas e Entidades Femininas que me inspiraram. Agradeço à Helena Melo por me ter concedido o privilégio de assistir ao nascimento da filha e à Leonor que nasceu durante este processo. Ao meu companheiro João Melo pelo amor, companheirismo e calma. Por fim às minhas manas Sandra e Carla.

**Resumo**

*A Voz do Útero: No momento em que me distingo de ti não te afasto (aproximo-me)* designa uma criação artística minha desenvolvida no âmbito do mestrado em Artes Cénicas. Este trabalho escrito serve de complemento ao trabalho prático e foi o resultado da minha pesquisa e reflexão sobre a criação artística, na qual me propus trabalhar performativamente sobre as temáticas da Voz feminina, do Útero como fonte criativa e do Prazer. Na empreitada criativa que foi chegar até aqui, constatei, uma vez mais, que o trabalho de atriz e criadora, me leva a um reconhecimento mais profundo do outro e conseqüentemente de mim. Estou mulher, e foi esse o lugar que ocupei para desenvolver este projeto. Não existe neste trabalho uma meta no sentido real, mas antes um caminho interminável de descoberta e procura do que representa para mim estar mulher e artista hoje.

**Palavras-chave**

Mulher; criatividade; caminho; criatura; prazer.

**Abstract**

*A Voz do Útero: no momento em que me distingo de ti, não te afasto (aproximo-me)* refers to an artistic creation developed by me as part of the master's degree in Performing Arts. This written work serves as a complement to the practical work and was the result of my research and reflection upon the artistic creation, in which I proposed to work performatively on the themes of the Female Voice, the Uterus as a creative source and Pleasure. In this creative endeavour, I have once again realized, that the work as an actress and as a creator leads me to a deeper recognition of others and, consequently, of myself. I am a woman, and that was the ground I have taken to develop this project. There is no real destination in this work, but rather an endless path of discovery and search of what it means for me to be a woman and an artist today.

**Keywords**

Woman; creativity; path; creature; pleasure.

## Índice

Agradecimentos.....	iv
Resumo .....	v
Palavras-chave.....	v
Abstract .....	vi
Keywords.....	vi
Introdução.....	1
1. CAPÍTULO I - Mulheres .....	3
1.1. A Importância da Voz Feminina .....	6
1.1.2. A Equipa .....	11
2. CAPÍTULO II Coletoras de Ossos:.....	12
1.1. No Porto .....	12
1.1.1. Em Leiria .....	21
1.1. 2. A Santa e a Deusa .....	23
1.1. 3. Final sem Fim.....	25
Bibliografia .....	28
Anexos .....	29
Anexo A - Moodboard .....	29
Anexo B - Cartaz A3.....	33
Anexo C - Imagem para Redes Sociais .....	34
Anexo D - Alinhamento da Estreia .....	35
Anexo E - História da Santa Quitéria .....	40
Anexos F - Manifesto.....	41
Anexo G - Apresentação Fotográfica .....	43

ESMAE  
ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

**P.PORTO**

**Introdução**

Este trabalho surge da urgência de criar, de encontrar um sentido, de empoderar e dar expressão à minha voz criativa e contribuir para que outras criaturas façam o mesmo. O termo criatura, acompanhou este processo desde a sua fase inicial e recorro a ele quando falo de pessoas e do projeto artístico, que metaforicamente, representa a personificação de um feto que se desenvolve no interior de um útero. Simboliza todo o ser criado. Embora seja um nome feminino, a palavra criatura, para mim, não está ligada a um género, ela não invoca essa diferenciação, pelo contrário, ela torna semelhante por agregar em si todas as possibilidades e abre espaço à imaginação. Depois de alguns anos a trabalhar como atriz reconheço que existe, da minha parte, uma dificuldade em criar empatia com figuras de poder, refiro-me a pessoas que ocupam na pirâmide hierárquica posições superiores, um patrão, por exemplo. Patrão e não patroa, porque os cargos de poder são ainda ocupados maioritariamente por figuras masculinas.

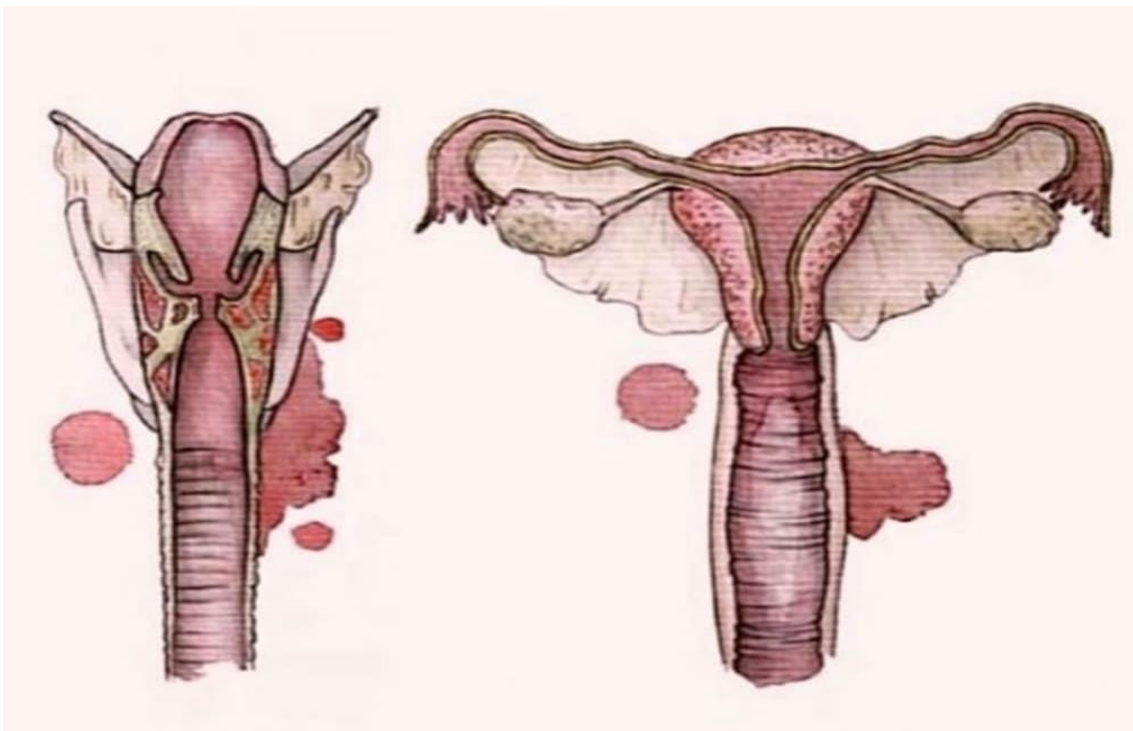
Observo que na base de muitos dos conflitos que acontecem está uma deficiência na forma como expressamos ou não expressamos o que estamos a sentir ou o que queremos de uma determinada situação. Na base destas dificuldades está o medo, poderoso e avassalador. Medo de perder o trabalho, de não ser chamada novamente para trabalhar, medo do confronto, medo de falar, medo de estar errada, medo de estar certa, medo de não ter como pagar as contas. A lista pode ser diferente, mas o sentimento é comum e muitas vezes leva a estados paralisantes, a sensação que tenho em alguns desses momentos é de afonia, como se a voz da criança que habita em mim fosse sufocada pelo medo e depois possuída pela raiva de não ter conseguido enfrentar esse momento. Não quero menosprezar estas duas emoções, mas encontrar um equilíbrio saudável para mim que inevitavelmente se reflete na relação com os outros. Acredito que as necessidades que precisamos ver satisfeitas para podermos viver de forma mais harmoniosa são transversais às criaturas humanas. Subsistência, segurança, autonomia, sentido, diversão, entendimento, compaixão, para mencionar algumas, que registei na minha procura por me entender e conhecer melhor enquanto criatura individual que vive em comunidade com outras.

Uma criatura empoderada, é para mim, neste momento, uma criatura que exercita diariamente, de forma voluntária, a observação dos acontecimentos da sua vida com a distância necessária para agir em conformidade com o que sente e acredita. Que trabalha na conquista do seu direito a ser feliz. Que se torna mais forte e confiante ao encarar o medo, ao reconhecer a importância que esta emoção pode ter quando nos alerta para uma situação em que estamos em perigo e é preciso sair ou quando é preciso ficar e dar o salto que nos vai permitir atravessar o medo e fazer algo que pode ser absolutamente transformador nas nossas vidas. Este algo pode ser tirar a carta de condução, porque me vai trazer mais autonomia, falar com o patrão de um tema delicado que afeta o meu trabalho, porque me vai trazer entendimento, segurança ou algo tão simples como partilhar o amor que sinto por uma outra criatura.

## Capítulo I – Mulheres

Este processo de pesquisa e criação artística foi marcado pela presença do feminino, autoras, artistas, filhas, mães, avós, deusas, santas, bruxas. Este trabalho de escrita começa com elas, as criaturas que habitaram e criaram este projeto.

Queria contar histórias de mulheres, ao fazê-lo estaria a contar a minha, ao falar delas estaria a falar de mim. O título escolhido para o projeto foi *A Voz do Útero*. O útero constitui juntamente com as trompas e os ovários os órgãos genitais internos da mulher, mas para este trabalho ele ganha uma outra dimensão de criação. O útero como centro criativo, não só de uma criatura humana, mas de um projeto como este que agora ganha a forma de relatório, e que teve como materialização artística um espetáculo, com uma apresentação pública – voz escrita e voz falada.



*Figura 1 ilustração laringe à esquerda da imagem e útero à direita*

O útero como recipiente que carrega histórias para serem contadas e usa como canal de partilha com o exterior a voz. É através da voz que expressamos emoções, sentimentos, sonhos, projetos, que expressamos a vida que temos dentro nós. A ilustração (fig. 1) mostra as semelhanças anatómicas entre os dois órgãos e foi retirada

da página *Anatomia per Tutti*<sup>1</sup>. É possível desenhar uma linha direta entre estes órgãos, que começa acima da vagina, perto do umbigo e termina na garganta. Perfeitamente alinhados. Proponho que imaginemos uma linha sem início e sem fim que liga o útero à voz, que permita a partilha de forma circular e continua entre estes dois canais, para que possam ser veículos para a reformulação de ideias acerca da criação e das sociedades em que vivemos.

[...] todos nós já ouvimos tudo sobre todos os paus e lanças e espadas, coisas para espancar e perfurar e acertar, coisas longas e rígidas, mas ainda não ouvimos falar sobre a coisa para colocar as coisas, o contentor para a coisa contida. (Le Guin, 1986, p. 13)

No ensaio de 1986, a escritora Ursula K. Le Guin, propõe contar a história da “garrafa como herói” (1986, p.13) contar a história do recipiente onde são guardadas coisas, sem ele não haveria história para contar. Imagino o útero como um contentor de vida, de memórias, de sonhos e a voz como canal de ligação direta para a sua materialização. Voz e útero são dois caminhos através dos quais experienciamos prazer, pelo ato sexual e ingestão de alimentos por exemplo. A manifestação desse prazer acontece muitas vezes através da voz. É corpo a criar uma linguagem de agradecimento, para partilhar com o exterior a felicidade que está a sentir.

Ao falar de voz, não me refiro só às palavras que as mulheres foram proibidas de dizer ou ler, nem só da voz pública que lhes foi vetada, falo também de uma voz criativa que está intimamente ligada ao seu útero, que é uma força criadora, de energia, de movimento, de vida e que foi reprimida. Em consequência somos o resultado de uma higienização da imagem feminina que nos foi imposta por uma sociedade patriarcal extremamente hierarquizada. Mas tal como sugere a escritora Rosa Leonor Pedro no seu livro *Lilith a Mulher Primordial: O feminino e o sagrado*:

[...]as mulheres começam a sentir essa força interior, a Kundalini, a vir devagar a emergir da base. Começam a sentir que, o que está mal com elas não é a sua

---

<sup>1</sup>Anatomia per Tutti. [Facebook page]. Facebook. (2021, janeiro 6). [https://www.facebook.com/photo/?fbid=3703162486388226&set=a.2750514754986342&locale=hu\\_HU](https://www.facebook.com/photo/?fbid=3703162486388226&set=a.2750514754986342&locale=hu_HU) consultada a 7 junho de 2023.

pulsão sexual e o seu poder interior, mas essa repressão que se fez da sua Natureza indómita e selvagem. (Pedro, 2020, p. 106)

Quando a autora Audre Lorde, no capítulo *Uses of the Erotic: The Erotic as Power*, (1984) reflete sobre o poder do erótico na perspetiva de uma mulher negra, lésbica e feminista, ela mostra não só as consequências da opressão que recaíram sobre o corpo da mulher e sua sexualidade, mas também evoca esta fonte criativa feminina intimamente ligada ao prazer e expõe um sistema patriarcal, colonial e capitalista que nos priva de um encantamento da vida e de regozijar com o que fazemos, que privilegia lucro ao invés das necessidades humanas. A experiência de prazer é diferente de criatura para criatura. Santa Teresa d'Ávila entrava em êxtase nas suas conversas com Deus, a sua poesia revela o amor e prazer que sentia com esta relação espiritual. O espetáculo *Solidões*<sup>2</sup>, escrito e dirigido por José Carretas, era formado por três monólogos: *Pranto de Maria Parda*, *O Último Outono*, *Diário de um Louco e Clausura*. O último sobre Santa Teresa d'Ávila, no qual eram representados momentos que revelavam o erotismo desta relação platónica de Teresa com Deus. “Subir ao cimo das árvores ensinou-me a sensação que me traria mais tarde, o ato sexual.” (Estés, 2016, p. 15) Durante os ensaios na residência em Leiria no Festival Novos Ventos, a Maria Leite (fig. 2) descobriu que subir a uma das árvores que se encontrava em frente à junta de freguesia era um momento que ela queria incluir na apresentação porque lhe dava gozo. Um que eu associo à minha infância quando íamos de visita à casa da avó ou aos finais de tarde depois do colégio, quando o meu pai parava comigo e com as minhas irmãs no banco do jardim que ficava por baixo de um Salgueiro-chorão, onde brincávamos antes de regressar a casa para jantar. “O erótico, para mim, opera de várias formas, e a primeira delas consiste em fornecer o poder que vem de compartilhar intimamente alguma atividade com outra pessoa.” (Lorde, 1984, p. 70) Uma cena que tinha sido penosa de contruir pelo seu conteúdo, foi transformada numa brincadeira que proporcionava prazer à Maria Leite e a mim pelo prazer de ver alguém que se está a divertir e por perceber retratada naquela subida uma memória da minha criança.

---

<sup>2</sup> Apresentado no CACE cultural do Porto em 2008.



Figura 2 Maria Leite, ensaio na aldeia de Regueira de Pontes, Leiria a 17 de junho de 2023

## A importância da voz feminina

“A palavra pertence ao homem e o silêncio à mulher”, palavras de Lacan, transcritas no livro *Lilith a Mulher Primordial* (2020) de Rosa Leonor Pedro. Ao longo da história a voz da mulher foi silenciada das mais diversas formas e o prazer sexual negado, ficando incumbidas da função e responsabilidade de procriar. A própria virgindade chegou a ser olhada como uma provocação à hierarquia de género, como nos mostra a estudante de filosofia Sandra Patrícia Carvalho na sua investigação sobre o *Papel das mulheres na idade medieval* (2022), em muitos casos representando uma conquista de autonomia sobre o próprio corpo, uma fuga ao casamento e à imposição de regras. Na idade média, por exemplo, o bispo de Milão, Ambrósio “(...) concebe uma cerimónia de consagração para virgens, cerimónia esta que as transforma em esposas de Cristo, tornando-as, então, subalternas como qualquer outra mulher casada.”<sup>3</sup> (Carvalho, 2022, p. 5)

Na ficção, que serve como espelho, dos modos e pensamento de cada época, são várias as histórias, que evidenciam o silenciamento da voz feminina, e a subjugação da mulher perante o homem. Lavinia personagem de Shakespeare, filha de Titus, é violada, cortam-lhe a língua e as mãos para que não possa denunciar os seus

---

<sup>3</sup> Trabalho de filosofia medieval para a Universidade do Minho.

agressores, através da voz ou por meio da escrita.<sup>4</sup> Mas mesmo antes de todo este horror a personagem era propriedade do pai e do noivo a quem estava prometida. Na novela *Roque Santeiro*<sup>5</sup>(1985) a personagem Lulu, interpretada pela atriz Cássia Kis Magro, é durante vários episódios submetida a tortura por parte do marido Zé das Medalhas (Armando Bogus), que tenta reprimir-lhe “o desejo de viver”<sup>6</sup>, com chantagem emocional, violência psicológica e física. Tenta conter o instinto sexual de Lulu, que pulsa a cada dia com mais intensidade, porque vê na mulher uma “santa”<sup>7</sup> que não deve sentir prazer, muito embora tenham dois filhos. Uma criatura frágil e dependente que precisa de vigilância constante. Ao contrário do exemplo anterior a personagem Lulu, não viu nenhum membro amputado e consegue, já para o final da trama, dar expressão ao seu desejo de liberdade. Esta emancipação é reflexo do tempo em que foi feita, já que se vivia no Brasil um desejo de liberdade por oposição ao regime de ditadura militar que estava instalado no país.

A historiadora Mary Beard, no seu livro *Mulheres & poder* (2017), recorre a vários exemplos para examinar a forma como as mulheres viram a sua voz silenciada na esfera pública. A autora começa o livro com um exemplo da *Odisseia* de Homero, no qual Telémaco, filho de Penélope, à frente dos convidados, manda calar e regressar ao quarto a sua mãe. Beard sublinha de forma jocosa o quão insólita e desajustada é a situação, um rapaz “acabadinho de largar as fraldas” (2017, p. 18) falar com uma mulher com muito mais experiência de vida de forma tão arrogante e autoritária. Passa por cartoons como o de Riana Duncan (1988)<sup>8</sup> (fig. 3) onde a artista recria o ambiente machista que se vive num escritório. Até chegar a uma memória mais atual com o exemplo dos *trolls* na internet, que tecem comentários misóginos com total impunidade. A autora dá exemplos da sua experiência pessoal, com estas criaturas anónimas, através da partilha de mensagens que recebeu com ameaças e/ou insultos,

---

<sup>4</sup> Shakespeare, W. (1984). *Titus Andronicus*. Oxford University

<sup>5</sup> Baseada na peça de teatro *O Berço do herói* de Dias Gomes escrita na década de 60. A primeira versão da novela é feita em 1975 e censurada pela ditadura militar que então se vivia no Brasil. Só dez anos depois, já o regime tinha caído é que a novela é novamente filmada e produzida pela TV Globo. <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/06/21/roque-santeiro-estreia-no-globoplay-relembra-a-novela-classica.ghtml> consultada a 8 de agosto de 2023.

<sup>6</sup> Expressão usada pela personagem Lulu durante a novela.

<sup>7</sup> A palavra é utilizada várias vezes, para descrever a personagem da Lulu durante a novela. Tanto pelo marido como pelas outras personagens.

<sup>8</sup> Duncan, R. (1988). [magazine.punch.co.uk/](http://magazine.punch.co.uk/) consultada a 8 de agosto de 2023.

e comenta que muitas vezes “não é o que diz que os suscita, é o simples facto de o estar a dizer” (Beard, 2017, p. 49).



Figura 3 Cartoon de Riana Duncan, comentário sobre o sexismo num escritório<sup>9</sup>

Olhando para o caminho percorrido neste projeto, parece-me inevitável que a equipa que trabalhou neste processo fosse constituída por mulheres, muito embora na candidatura inicial, feita ao Festival Novos Ventos, tivéssemos o músico Peixe na equipa, a incompatibilidade das datas não permitiu que integrasse o processo criativo.

O arquétipo da Mulher Selvagem, e tudo o que a esta está associado, é o esteio de todas as pintoras, escritoras, escultoras, bailarinas, pensadoras, oradoras, investigadoras, pesquisadoras, pois todas se dedicam à tarefa de inventar, e esta é a ocupação principal da natureza feminina. Como em todas as artes, esta natureza feminina reside nas entranhas e não na cabeça. (Estés, 1995, p. 24)

<sup>9</sup> Duncan, R. (1988). <https://marchudson.net/2023/02/08/research-tips-the-miss-triggs-problem/> consultada a 8 de agosto de 2023.

A minha intenção de explorar o potencial criativo feminino também encontra eco na mulher selvagem de que nos fala Clarissa Pinkola Estés, no seu livro *Mulheres que Correm com Lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem* (1995). Outra referência para a minha pesquisa foi o trabalho da artista e diretora Marta Pazos que esteve presente este ano, 2023, na Quadrienal de Praga, evento dedicado à arte da cenografia, com uma instalação intitulada *Matria* (fig. 4). Uma vulva de três metros e meio pela qual o público podia atravessar. Uma experiência de renascimento para qualquer criatura humana. “A piece about empowerment that uses the metaphor of the womb and the mystical and ecclesiastical space. The fluorescent yellow color and the mixture of sculptural and sonorous elements drags the visitor into a synesthetic abyss. (Pazos, 2023)<sup>10</sup>. Um lembrete da potência criadora e transformadora que existe em cada uma de nós, a capacidade de brincar como fez *Baobo* ao expor as suas partes íntimas a *Deméter* e assim provocar o riso no rosto desta mãe que sofria pela morte da filha (ver anexo D). A *Voz do Útero* é um objeto artístico desenvolvido a partir de um trabalho de pesquisa, de escrita e de encenação que questiona e reflete sobre as limitações das novas linguagens e códigos de comportamento que regulam a luta pelos direitos humanos em questões de igualdade de género. Olhámos para diferentes representações do corpo feminino, na forma como estas se relacionam com a representação do poder nas artes plásticas, no teatro, cinema e televisão. Se a nossa contemporaneidade vive obcecada com produção de imagens, de que forma se reflete e transforma a representação dos nossos corpos na esfera pública?

---

<sup>10</sup>Pazos, M. [@martapazoss]. (2023, junho 13). [vídeo]. Instagram. [https://www.instagram.com/p/Ctbl8u-Kj\\_r/](https://www.instagram.com/p/Ctbl8u-Kj_r/) consultada a 8 de agosto de 2023.



*Figura 4 Instalação Matria de Marta Pazos na quadrienal de Praga em junho de 2023<sup>11</sup>*

---

<sup>11</sup>Pazos, M. [@martapazoss]. (2023, junho 21). [fotografia]. Instagram. [https://www.instagram.com/p/Ctv9BDKqta2/?img\\_index=5](https://www.instagram.com/p/Ctv9BDKqta2/?img_index=5)

## A equipa

Esta criação estimulou o cruzamento de artistas com percursos diversificados e de áreas disciplinares diferentes através da partilha de experiências e competências materializadas num objeto teatral, refletindo as urgências e identidades artísticas de cada uma, em relação ao tema proposto. A designer de moda Katty Xiomara, que fez a direção criativa e a conceção plástica dos figurinos, em parceria com a Silvia da Torre e a Tatiana Afonso, aliando o design de moda à sua expressividade performática.

O foco do trabalho da ilustradora Isadora Machado no desenho como dispositivo poético e intuitivo trouxe para a *Voz do Útero* uma componente visual profundamente alinhada com a proposta artística do projeto.

Maria Leite é criadora de vídeo para cena e atriz e tem vindo a pesquisar no seu trabalho possíveis abordagens ao género como código de uma perspetiva interseccional. A sua experiência na conceção de vídeo para cena trouxe para este projeto a sua pesquisa relacionada com a utilização do vídeo como fonte luz.

A nossa produtora foi Maria Alexandra que tem uma visão artística e humana com forte foco nas questões de acessibilidade e sustentabilidade que considero que foram fundamentais para o desenho de produção deste projeto.

O meu trabalho como atriz tem tido a mais-valia de abranger diversas linguagens teatrais e visuais. Tendo a *Voz do Útero* a inscrição da minha autoria, foi um projeto que tanto refletiu o meu percurso artístico, como deu luz à pesquisa sobre a representatividade do feminino nos códigos narrativos e de interpretação que tenho vindo a desenvolver no meu trabalho como atriz e criadora.

## Capítulo II – Coletoras de Ossos

Todos nós começamos o nosso caminho como um molho de ossos, perdido algures num deserto, um esqueleto desconjuntado que jaz sob as areias. É nossa tarefa encaixá-los. É um trabalho metuculoso que resulta melhor quando as sombras são as adequadas, pois exige uma grande busca. La Loba ensina o que devemos procurar – a indestrutível força da vida, os ossos. (Estés, 1995, p. 40)

Coletar Osso a Osso. A 14 de fevereiro de 2023 recebi um email, da professora Cláudia Marisa, que me proporcionava, a mim e a qualquer outro estudante de mestrado, a possibilidade de me candidatar a uma bolsa de criação e apoio à produção. Uma residência artística no Festival Novos Ventos<sup>12</sup>. O festival em protocolo com a ESMAE oferecia uma bolsa, despesas de alimentação e viagens para duas pessoas, espaço de apresentação, apoio técnico e de produção durante o período da residência. Para mim, um oásis no deserto, uma vez que o Politécnico do Porto, entidade à qual a ESMAE pertence, não oferece aos alunos uma verba para que possam realizar os seus projetos, e o apoio técnico, logístico e de produção acaba por ficar à responsabilidade dos alunos e da boa vontade dos docentes que se desdobram para tornar possível o milagre de realizar um objeto artístico nestas condições. A candidatura foi entregue por email no dia 15 de abril e posteriormente aprovada. A residência aconteceu de 16 a 25 de junho em Leiria, com estreia no dia 25, data destinada para as apresentações de alunos da ESMAE, às 17h00 na aldeia de Regueira de Pontes.

### No Porto

O primeiro encontro foi no dia 8 de maio de 2023. Começámos por falar da proposta de calendário, confirmámos as disponibilidades de cada uma e as possibilidades de sala de trabalho para o restante período de ensaio até ao início da residência em Leiria a 16 de junho. Foi feita ainda uma partilha do imaginário no qual estava a propor o mergulho criativo das próximas semanas. Não havia um texto escrito, mas sim um

---

<sup>12</sup> É um festival de teatro comunitário. A 22 de fevereiro de 2023, houve uma reunião via Zoom, com o Frédéric da Cruz Pires, diretor do Leirena Teatro – Companhia de Teatro de Leiria, para esclarecimento do regulamento da candidatura.

universo que girava em torno do feminino e de um reencontro com a nossas ancestrais. O texto seria algo que iríamos criar em conjunto durante os ensaios, mais concretamente eu e a Maria Leite. Devido ao número elevado de procura de salas por parte dos alunos e a escola não ter as infraestruturas necessárias para a realização de todas as atividades propostas no início do ano letivo, comecei à procura de outras possibilidades na cidade. Como não foram antecipadamente previstos o plano de trabalho e a consequente reserva de salas, os ensaios foram feitos em diferentes espaços da cidade. Os primeiros encontros aconteceram no Zero Box Lodge, hotel na Rua do Ateneu Comercial no Porto, que tem no último andar, antes de chegar ao *rooftop*, um espaço com mesas redondas e acesso à internet que nos permitiu fazer reuniões e trabalho de mesa nos primeiros dias. De dia 16 a 19 de maio os ensaios aconteceram na Associação de Moradores da Bouça (fig. 5), para onde regressámos de 11 a 15 de junho, depois de passarmos pela Sala do Tribunal no Mosteiro de São Bento da Vitória (fig. 6), onde ensaiámos de 22 a 26 de maio. Se inicialmente tínhamos conseguido o apoio para uma residência, para mim, o processo de criação ficou marcado por quatro momentos de residência, sendo que três aconteceram no Porto e o quarto em Leiria.



Figura 5 Sala de ensaio na Associação de Moradores da Bouça a 5 de junho de 2023



*Figura 6 Maria Leite durante o ensaio no Mosteiro de São Bento da Vitória a 25 de maio de 2023*

A mudança de espaços exigiu de nós uma readaptação constante. O material que íamos colecionando e acumulando – objetos, livros, roupas - tinha de ser retirado e repostado. Os percursos que fazíamos para ir trabalhar eram diferentes, as pessoas, histórias e energias mudavam. De mochila às costas, estávamos em deslocação constante. Durante a primeira semana de ensaios, numa conversa com a responsável pela produção do Festival, percebi que o espaço de apresentação seria ao ar livre e não numa sala, como inicialmente pensei. Este estado de mudanças frequente que se instalou ao longo do processo acabou por definir o dispositivo da apresentação – um percurso que o público é convidado a fazer com duas criaturas que carregam sacos, recipientes, objetos, histórias que foram coletando e que partilham durante o caminho.



Figura 7 Moodboard da Sílvia da Torre e Tatiana Afonso - Mosteiro de São Bento da Vitória a 24 de maio de 2023

No dia 24 de maio tivemos o primeiro encontro presencial com a Sílvia da Torre e a Tatiana Afonso que estavam a trabalhar nos figurinos com a Katty Xiomara. Na sequência das partilhas de pesquisa que fomos fazendo por mensagens elas trouxeram esboços, texturas e cores. As imagens (fig. 7, fig. 8, fig. 9, fig. 10, fig. 11) são parte do registo fotográfico feito nesse dia.

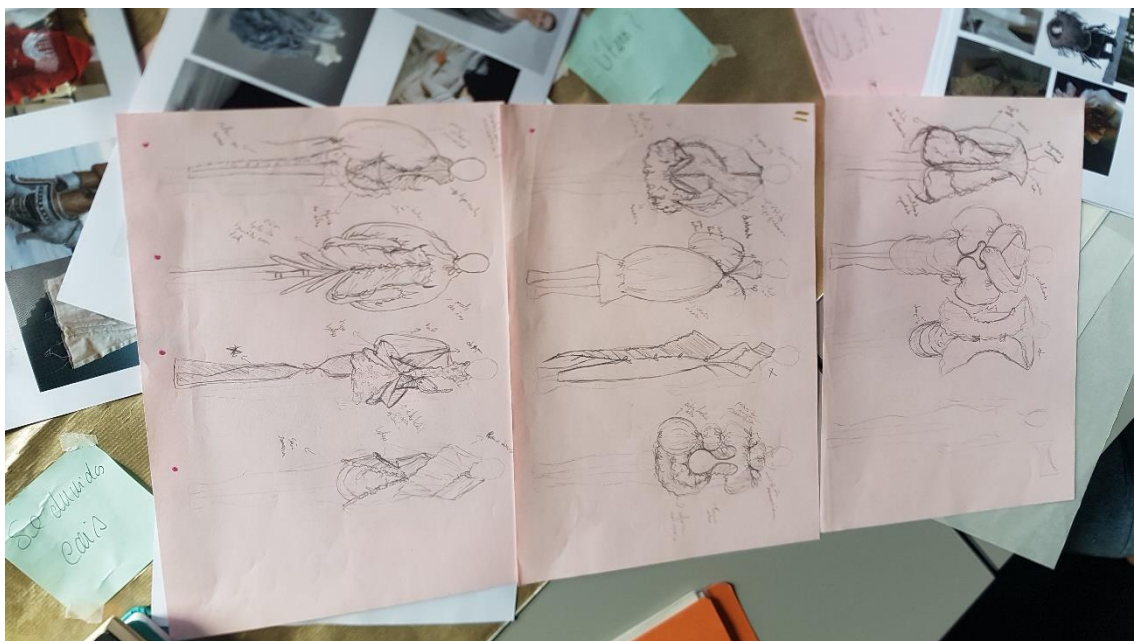


Figura 8 Esboços figurinos - Mosteiro de São Bento da Vitória a 24 de maio de 2023

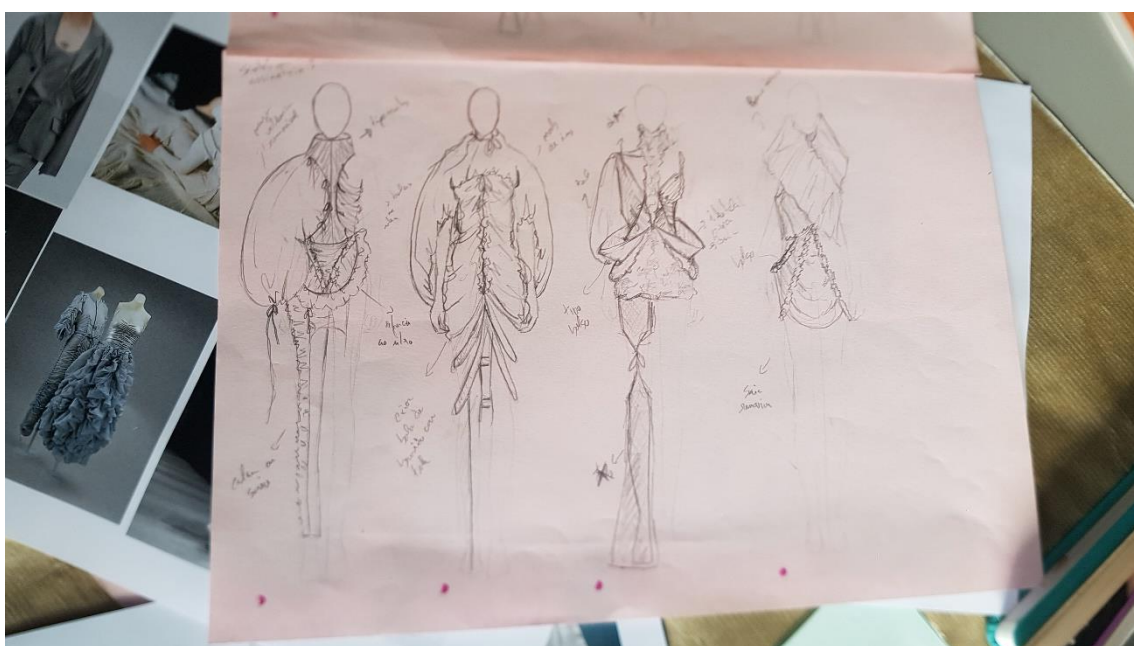


Figura 9 Esboços figurinos - Mosteiro de São Bento da Vitória a 24 de maio de 2023

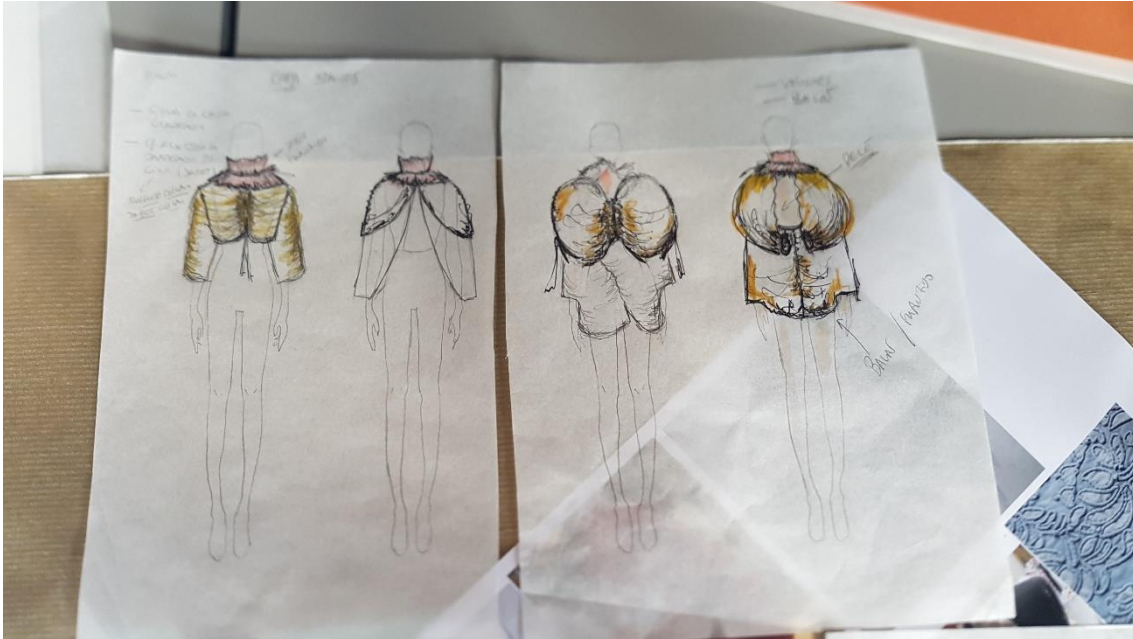


Figura 10 Esboços figurinos - Mosteiro de São Bento da Vitória a 24 de maio de 2023

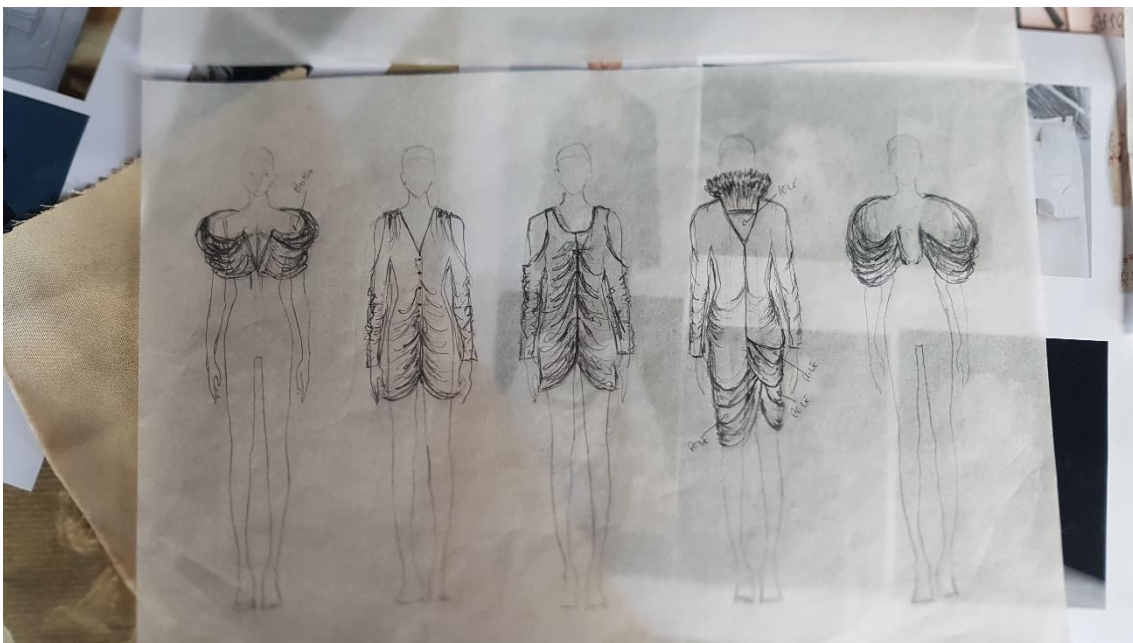


Figura 11 Esboços figurinos - Mosteiro de São Bento da Vitória a 24 de maio de 2023

Os primeiros esboços remetem para o útero vestidos ovalados, mangas e acessórios em forma de balão. O saco amniótico ou bolsa amniótica (fig. 12), onde o feto se desenvolve e que num parto normal é libertado juntamente com a placenta depois do nascimento do bebé. Lembram também a larva em estado de crisálida antes de se transformar numa borboleta. No entanto o útero tem a particularidade de ser um recipiente portátil que a mulher carrega consigo para qualquer lado, e tem em si o

potencial de criação de um ser independente que num determinado momento é impelido a afirmar a sua individualidade.



Figura 12 Feto dentro de saco amniótico, a imagem foi retirada da página American Pregnancy Association<sup>13</sup>

O drapeado é uma presença forte nos figurinos, a materialização dos ossos, do esqueleto, com partes do corpo já formadas, como os ombros, as pernas ou o peito que ficam expostos em algumas das propostas. Embora discretas, no canto inferior esquerdo da imagem (fig. 7), estão duas amostras dos materiais que foram usados na construção dos figurinos. Um tecido acetinado e dourado e por cima um tule rosa-claro. A presença do tule permite criar uma textura diferente, é um material que segura, que sustenta e pode criar volume. Foi usado para criar apontamentos, como se pode ver nos registos fotográficos da estreia em Regueira de Pontes (ver anexo G). Para contextualizar esta proposta dos figurinos, é preciso falar ainda de duas histórias que estiveram na sua origem – *La Loba* e a *A Mulher Esqueleto* do livro *Mulheres que Correm com Lobos*. Em ambas temos os ossos que representam a “indestrutível força da vida” (Estés, 1995, p. 40), a reconstrução de um corpo a partir do esqueleto que estava esquecido, perdido e que ganha vida depois de ser montado, organizado de forma adequada e nutrido. Os materiais usados para a construção do guarda-roupa

---

<sup>13</sup> American Pregnancy Association. (2023). <https://americanpregnancy.org/es/healthy-pregnancy/pregnancy-health-wellness-healthy-pregnancy/fetal-life-support-system/> consultada a 10 de agosto de 2023

foram reaproveitamentos de outras coleções da Katty Xiomara, facto que se torna relevante por não haver uma verba financeira para a sua execução.

Depois da transformação da apresentação num percurso os figurinos ganharam uma outra camada. Os desenhos ovalados que vemos na primeira proposta, ganham uma dimensão exterior ao figurino e transformam-se em sacos amnióticos que as duas criaturas carregam como incubadoras em perpétuo movimento (fig. 13)



*Figura 13 Maria Leite e Margarida Carvalho prova de figurinos a 7 de junho de 2023<sup>14</sup>*

---

<sup>14</sup> Estes foram os protótipos usados para ensaios, os finais eram dourados com elementos rosa. (ver anexo E)

## Em Leiria

Chegámos a Leiria no dia 16 de junho de manhã, tivemos uma reunião, com a produtora que nos iria dar apoio, no percurso até às residências no campus do politécnico de Leiria, onde ficámos instaladas até dia 25. Depois do almoço fomos fazer a primeira visita à aldeia de Regueira de Pontes, que fica a 15 minutos de carro do centro de Leiria. Fiz este caminho praticamente todos os dias. Uma vez que tínhamos definido que a *Voz do Útero* seria um percurso, era necessário mapear e descobrir o trajeto no local onde iríamos apresentar, assim como encontrar e definir locais e momentos para parar. E ainda, averiguar quais as condições técnicas de que dispúnhamos, instalar o material que veio do Porto e garantir um espaço onde fosse possível guardar figurinos e adereços. Era importante, dada a natureza da apresentação, podermos habitar aquele lugar, estabelecendo uma relação de proximidade com as pessoas e com o espaço. Habitar um lugar envolve, para mim, uma escuta de todas as criaturas que o povoam, pessoas, ruas, casas, plantas e animais. Quando consigo escutar, a partilha torna-se mais fácil porque simultaneamente me aproximo de uma escuta mais profunda de mim. O que resulta desta comunicação é, para mim, digno de admiração. Um entendimento de mim e das outras criaturas que me permite desenvolver uma relação mais compassiva e acolhedora comigo e com o mundo. O facto de os ensaios e a apresentação terem sido no exterior de uma aldeia, próximo da natureza, num espaço menos povoado por criaturas humanas, possibilitou a experiência de trabalhar com estímulos diferentes daqueles que recebo na cidade. Para mim é mais difícil num ambiente urbano conseguir escutar o espaço, é mais ruidoso o que dificulta a perceção do que está a acontecer à minha volta.

Regueira de Pontes pertence ao município de Leiria, é uma aldeia pequena e com poucos habitantes. Fui muito bem recebida pelas pessoas com quem me relacionei, mas não foram muitas. As ruas estavam muitas vezes vazias e o espaço público não era ocupado. Estas características deram-me a experiência da estranheza, que pode ser provocada pela presença de duas criaturas desconhecidas, que ao invadirem as ruas criam, com a sua presença, momentos de disrupção no quotidiano público daquele lugar. Assim, percebo que esta criação artística não se limitou à apresentação do dia

25 de junho, mas antes foi uma intervenção contínua em espaço público, no qual colocávamos os nossos corpos e a nossa voz à disposição do lugar e das criaturas que nele habitavam. Foi igualmente importante o espaço do campus em Leiria, uma vez que a necessidade de aceder à internet era fundamental, não só para trabalho de produção, mas também para o trabalho criativo.

Na próxima imagem (fig. 14) podemos ver o percurso feito no dia da apresentação em Regueira de Pontes. As intérpretes iniciaram o caminho no ponto I, o público estava no ponto II, a partir daqui o público é convidado a juntar-se a estas duas criaturas. O trajeto final ficou limitado ao centro da aldeia por ser um trajeto curto e acessível para quem tem mobilidade reduzida, até porque as pessoas que ali vivem são em grande parte anciãos, muito embora o grupo que esteve presente fosse de diversas faixas etárias. O tempo de exposição ao calor também foi uma preocupação no momento de definir o trajeto. Uma vez que a estreia foi no verão e durante a tarde era importante que as caminhadas não fossem muito longas.



Figura 14 Trajeto da apresentação em Regueira de Pontes a 25 de junho de 2023. Os pontos a amarelo assinalam os locais de paragem e a numeração estabelece a cronologia do percurso.<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Print screen google maps.

## A Santa e a Deusa

“As histórias ou contos são como medicamentos.” (Estés, 1995, p.27)

Na esquina da Rua de Santa Quitéria (ponto III da fig. 14) existe um pequeno altar na parede com a escultura de uma santa de plástico no centro. Este foi o lugar escolhido para uma pausa no percurso onde foi contada história da Santa Quitéria (ver anexo E). Uma mulher que, como muitas outras, viu o seu corpo tratado como mercadoria, quando o seu pai escolhe o noivo com o quem ela se deveria casar. Quando Quitéria desafia a decisão do pai, este condena a própria filha à morte. A cabeça de Quitéria é decepada. É o triunfo do medo que uma vez mais é celebrado assim como quando *Perseu*, de braço levantado, exhibe a cabeça da Medusa depois de a ter cortado.<sup>16</sup> Medo da transgressão da ordem, medo do que não dominamos, medo do desconhecido. “(...) as mulheres são mantidas em uma posição distante/inferior para serem ordenadas psiquicamente, de maneira bastante parecida com as formigas, que mantêm colônias de pulgões que fornecem uma substância nutritiva para seus líderes.” (Lord, 1984, p. 66, p. 67) Numa cultura onde há o predomínio da autoridade masculina e onde a força, a violência são elevadas à categoria de heroicas, a mulher é forçada a abdicar seu poder individual. A coragem de praticar um ato de desobediência, quando é suposto acatar uma ordem de um superior hierárquico sem refletir nas consequências pessoais que daí possam resultar, é próprio de uma criatura capaz de aceder à sua criatividade, de uma mulher que ousa confiar no “poder que emana dos seus conhecimentos mais profundos e irracionais” (Lorde, 1984, p. 66). Os exemplos anteriores não são de mulheres que aceitaram ser mais um pulgão na colônia de formigas, antes de mulheres que se insurgiram contra a ordem estabelecida e não aceitaram viver com a alma retalhada. Quitéria, depois do golpe fatal, pega na sua cabeça e sai a caminhar pelo mundo, como um lembrete de que nenhuma forma de opressão pode calar a alma da mulher selvagem.

Há um aspecto da sexualidade feminina que era designado, na antiguidade, pela expressão “obsceno sagrado”, não com o significado que hoje em dia damos à palavra obsceno mas querendo dizer “sexualmente sábio e, de certa

---

<sup>16</sup> *Perseus Triumphant*. (1870-1890). J. Paul Getty Museum, Los Angeles. [Google Arts & Culture]. <https://artsandculture.google.com/asset/perseus-triumphant-unknown/1QHHDbr9Z8qOhw>

forma, engenhoso”. [...] Nas antigas culturas femininas havia deusas obscenas, assim chamadas devido à sua ingenuidade, ainda que imbuídas de uma astuta lascívia. (Estés, 1995, p. 394)

Baubo é uma deusa obscena, uma deusa da alegria geralmente representada por uma cabeça em cima de umas pernas e com o órgão genital exposto. Imagino-a como uma velha tagarela, uma mulher que já desaprendeu o significado da palavra vergonha e que não tem pudor em dizer o que sente e pensa, ou de explorar a nudez do seu corpo de forma a provocar alegria e riso. Baubo para mim é o arquétipo da mulher sábia, que já aprendeu a regenerar as próprias feridas e a transmutar a dor em alegria. É com a história desta deusa que termina a apresentação da *Voz do Útero* em Regueira de Pontes. Uma instalação com o holograma da Baubo, que a Maria Leite idealizou e executou durante o processo criativo, acompanhado de um áudio que contava história desta deusa. Improvisámos, com materiais cedidos pela organização do festival, um espaço fechado, onde pudéssemos limitar a entrada de luz e reduzir o ruído exterior. Ao limitarmos o espaço da apresentação, ele transforma-se num espaço de maior intimidade e proximidade física entre as pessoas e muda o tom da apresentação, que até este momento se tinha passado no exterior. Enquanto as pessoas entravam ouvia-se o som de um riacho de água a correr, juntamente com a sombra do lugar e os bancos que se encontravam encostados às paredes laterais, depois de caminhar por mais de vinte minutos expostos ao calor que se fazia sentir naquele dia. O convite a entrar naquele espaço era uma forma de acolhimento ao cansaço dos nossos ossos por nos terem carregado até ali. Esta instalação tinha a duração de cinco minutos, depois desse tempo reiniciavam os áudios, para dar a possibilidade a quem quisesse de passar pela experiência. (ver montagem da apresentação)<sup>17</sup>.

---

<sup>17</sup> Carvalho, M. [@theMargaridaCarvalho]. (31, agosto 23). *Voz do Útero 2023* [vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/UAN1XwLffGY>

## Final sem Fim

“Reconhecer que as nossas vidas são estruturadas de acordo com comportamentos continuados e socialmente aprovados, possibilita que todas as atividades humanas possam ser potencialmente consideradas como performance ou, pelo menos, todas as atividades praticadas com consciência de si próprias.” (Carlson, 2004, p. 27)

Talvez possa definir este processo criativo como um ato performático de ocupação do espaço público. Não existiam personagens como no teatro clássico com “comportamento reconstruído”<sup>18</sup>- o conceito de Richard Schechner e partilhado por Marvin Carlson no seu ensaio *O que é a Performance?* (2004)<sup>19</sup>. Numa tentativa de analisar e compreender as diferentes perspetivas na definição de performance, uma vez que este é um conceito com pontos de vista divergentes, não existe uma definição consensual, na opinião de Carlson. Mas as palavras e ações que as intérpretes executavam eram pensadas e encenadas, assim de acordo com esta proposta partilhada por Carlson, ao introduzir consciência no gesto ele ganha uma qualidade performativa. Ainda sobre esta faceta performativa, destaco o trabalho da contadora de histórias<sup>20</sup> norte-americana Laurie Anderson, o seu percurso artístico é marcado pelo trabalho que desenvolveu com linguagem, tecnologia e imagem. Os dispositivos cénicos que transporta durante as digressões dos seus espetáculos ao vivo são de grande simplicidade o que lhes confere uma portabilidade que procurei durante a criação da *Voz do Útero*. Com uma abordagem diferente na forma como comunicam, mas com igual importância no resultado do objeto artístico as Guerrilla Girls (fig. 15), grupo anónimo de mulheres que durante os anos 80 em Nova York, ocupavam o espaço público questionando a voz da mulher na arte. Recorriam a cartazes com imagens e frases, usavam de humor e ironia para apontar a desigualdade de acesso do trabalho de mulheres artistas que apresentavam em museus em relação ao número de homens.

---

<sup>18</sup> “uma designação que engloba ações conscientes separadas da pessoa que as pratica” (Carlson, 2004, p. 27).

<sup>19</sup> Macedo, A. M., Rayner, F. (2011) *Género, cultura visual e performance: Antologia Crítica*. Edições Húmus

<sup>20</sup> Este é termo que a artista usa para definir o seu trabalho, no entanto Laurie Anderson é artista plástica e música e conta histórias com as diversas ferramentas que acumulou.



Figura 15 Intervenção em muro, retirada da página do instagram das Guerrilla Girls <sup>21</sup>

Ainda sobre a questão da linguagem, e o poder que a palavra tem como motor de transformação de crenças e como veículo de entendimento ou discórdia entre criaturas humanas, quero destacar o trabalho do psicólogo americano Marschal Rosenberg, que serviu de bússola, não só para criar uma comunicação mais compassiva entre a equipa, mas também para a escrita do texto da apresentação, que tentámos (eu e a Maria Leite) que fosse um discurso inclusivo, compassivo e empoderador. Marshall Rosenberg, durante os anos 60, desenvolveu um método comunicativo que designou de *Nonviolente Communication*, que segundo o autor nos ajuda reestruturar a forma como nos expressamos e como escutamos o outro. No seu livro *Comunicação não-violenta* (2003), para explicar o perigo de um tipo de linguagem em que negamos responsabilidade pelo que fazemos, o autor dá o exemplo de um oficial nazi, que em julgamento pelos seus crimes afirma que ele e os seus colegas tinham um tipo de linguagem à qual davam o nome de *Amtssprache*, quando questionados sobre as razões que os levaram a fazer uma determinada ação eles respondiam “Ordens superiores [...] era o que mandava a lei” (Rosenberg, 2003, p. 43)

<sup>21</sup> Guerrilla Girls. [@guerrilagirls]. (2012, novembro 1). [fotografia]. Instagram. <https://www.instagram.com/p/Rx70KaGU3g/>

A linguagem é um organismo vivo, uma criatura que necessita de escuta constante minha e do outro, e de ser nutrida diariamente para poder crescer de forma saudável.

A palavra Fim no final do texto da apresentação (ver anexo D), foi substituída pela palavra Continua. A sensação que tive quando terminei o alinhamento da *Voz do Útero*, foi a vontade de prosseguir, assim como quando cheguei a Santiago de Compostela, depois de seis dias a caminhar, senti o desejo de continuar a caminhar no sentido de Finisterra. Esta criatura que eu carreguei dentro de mim parece não ter um fim, pelo menos não um que eu consiga ver.

## Bibliografia

*Anatomia per Tutti*. [Facebook page]. Facebook. (2021, janeiro 6). [https://www.facebook.com/photo/?fbid=3703162486388226&set=a.2750514754986342&locale=hu\\_HU](https://www.facebook.com/photo/?fbid=3703162486388226&set=a.2750514754986342&locale=hu_HU)

Beard, M. (2018). *Mulheres e poder: Um manifesto*. Bertrand

Carretas, J. (2008). *Solidões*. Panmixia associação cultural

Carvalho, M. [@theMargaridaCarvalho]. (31, agosto 23). *Voz do Útero 2023* [vídeo]. YouTube. <https://youtu.be/UAN1XwLffGY>

Carvalho, S. P. (2022). *O papel das mulheres na idade média*. Universidade do Minho.

Estés, C. P. (1995). *Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem*. Marcador

Le Guin, U.k. (2022). *A ficção como cesta: Uma teoria e outros textos*. Dois Dias

Lorde, A. (1984). *Sister Outsider: Ensaios e conferências*. Autêntica

Macedo, A. M., Rayner, F. (2011) *Género, cultura visual e performance: Antologia Crítica*. Edições Húmus

Pazos, M. [@martapazoss]. (2023, junho 13). [vídeo]. Instagram. [https://www.instagram.com/reel/CtbL8u-Kj\\_r/?utm\\_source=ig\\_web\\_copy\\_link](https://www.instagram.com/reel/CtbL8u-Kj_r/?utm_source=ig_web_copy_link)

Pedro, R. L. (2020). *Lilith: A mulher primordial*. Zéfiro

Rosenberg, M. B. (2006). *Comunicação não-violenta: Técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. Ágora

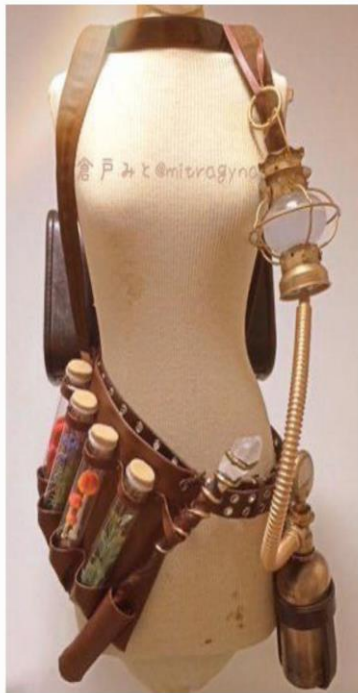
Shakespeare, W. (1984). *Titus Andronicus*. Oxford University

## Anexo A – Moodboard

Pesquisa do imaginário visual, partilhada com os figurinos durante a terceira semana de trabalho.









## Anexo B – Cartaz A3

A imagem de divulgação foi criada e desenvolvida pela ilustradora Isadora Machado.



**VOZ DO ÚTERO:**  
NO MOMENTO EM QUE ME DISTINGO DE TI, NÃO TE AFASTO (APROXIMO-ME)

25 de Junho  
2023  
às 17h

Aldeia de  
Regueira de Pontes  
Leiria

**Criação**  
Margarida Carvalho

**Apoio à Criação**  
M. Leite

**Interpretação**  
Margarida Carvalho e M. Leite

**Recolha de Textos**  
Margarida Carvalho e M. Leite

**Figurinos - Direção Criativa**  
Katty Xiomara

**Figurinos - Desenvolvimento**  
Sílvia da Torre e Tatiana Afonso

**Ilustração**  
Isadora Machado

**Produção**  
Maria A.

leijena-  
TEATRO

P.PORTO

ESMAE ESCOLA SUPERIOR  
DE MANEJAMENTO  
DE ESPETÁCULOS



## Anexo C – Imagem para Redes Sociais

Ilustração e conceção Isadora Machado



**VOZ DO ÚTERO:**  
NO MOMENTO EM QUE ME DISTINGO DE TI, NÃO TE AFASTO (APROXIMO-ME)

**Criação**  
Margarida Carvalho

**Apoio à Criação**  
M. Leite

**Interpretação**  
Margarida Carvalho e M. Leite

**Recolha de Textos**  
Margarida Carvalho e M. Leite

**Figurinos - Direção Criativa**  
Katty Xiomara

**Figurinos - Desenvolvimento**  
Sílvia da Torre e Tatiana Afonso

**Ilustração**  
Isadora Machado

**Produção**  
Maria A.

25 de Junho  
2023  
às 17h

Aldeia de  
Regueira de Pontes  
Leiria

leiriana-  
TEATRO

P.PORTO

ESMAE

Associação de Escolas e Municípios do Alentejo

Associação de Escolas e Municípios do Alentejo

## Anexo D – Alinhamento da Estreia

### Voz do Útero: no momento em que me distingo de ti, não te afasto (aproximo-me)

#### I

As **criaturas MC e ML** chegam a caminhar do lado da aldeia de Chãs.

Anunciam a chegada, com a música **Bird Song** da Backan Kaur que sai da coluna que a Maria traz (está ligada ao telemóvel).

Continuam a andar até estarem entre o centro da praça.

Param olham as pessoas. A música **Bird Song** vai desaparecendo.

Momento de pausa/silêncio.

#### II

**ML e MC** colam no muro da praça a frase: *No momento em que me distingo de ti, não te afasto (aproximo-me).*

A **criatura MC** coloca um banco/cadeira pequena entre as duas árvores da praça e pousa um vaso à frente do banco.

Sobe para o banco, abre o bolso que tem perto do útero, e deixa cair flores vermelhas/laranjas para dentro do vaso.

As **criaturas MC e ML** colocam terra no vaso e uma planta. Regam com água. Silêncio.

Ouvimos *Om* - o início do áudio do **Goa Gil** (Maria lança som do telemóvel que está ligado à coluna).

*Este pode ser o momento para acender o queimador de incenso.*

Deixam ficar o vaso na praça.

#### III

As **criaturas MC e ML**, já acompanhadas pelo público descem a rua de São Francisco até chegarem à esquina com a rua de Santa Quitéria onde está o altar.

Tempo para todas as criaturas chegarem.

Limpam e enfeitam o altar: uma vela, um vaso/jarro pequeno com flores; acendem uma vela.

**ML** cola na parede a história de Quitéria ao lado do altar e lê para todas (ver anexo E).

No final seguem a cantar pela rua de Santa Quitéria.

**IV**

*Canto de Proteção - Clarianas*

Venho para abrir as portas

Felicidade me traz

O que há de tristeza nesta casa

Vá embora e não volte jamais

Venho para abrir as portas

A saúde é quem me traz

O que há de doença nesta casa

Vá embora e não volte jamais

Ei ei ei eh eh ah

Ei ei ei ah

Ei ei ei eh

Ah ah ah ah

Ah ah ah ah ah ah

Venho para abrir as portas

O amor é quem me traz

O que há de ódio nesta

Meia-volta e nem olhe pra trás

Venho para abrir as portas

Mãe natureza me tráz

Abençoa os filhos teus

Abençoa, ai meu Deus

Terra, fogo água e ar

Já perto do final da rua começamos a ouvir ruído branco/ruído de estática.

O som vem de uma coluna escondida na árvore em frente á junta de freguesia (este é o único momento em vamos precisar de apoio técnico).

**V**

As **criaturas ML e MC** ficam a olhar para a árvore de onde está a sair o ruído branco. Tempo para todas as criaturas chegarem.

O ruído branco começa a desaparecer e o áudio começa.

*\\(©¿©)/ (° ...°)*

*O texto que se segue é o que se escuta, este é gravado por nós, o resto do áudio é uma montagem da recolha que fizemos no Porto.*

“Bom dia raparigas, esta manhã vou falar com vocês sobre a vossa aparência.

Mantenham aquele ar de frescura ao usarem desodorante regularmente. É um atalho para a segurança social.

Depois da limpeza vem o sono como base da beleza. E quero dizer dormir. Não ir simplesmente para a cama se isso significa que vão escrever cartas ou ouvir música.

Dormir 8 horas por noite para poderem usufruir do efeito deste tratamento de beleza.

Pele bonita, vitalidade, cabelo fofo. Todas as coisas que vocês querem começam por uma dieta equilibrada...”

A **criatura ML** sobe à árvore e desliga a coluna.

**MC** passa um manifesto a **ML** e distribui os restantes pelas criaturas presentes (ver anexo F).

**ML** grava uma das frases do manifesto num megafone que deixa na árvore desce e continuam o percurso em direção à igreja.

**VI**

Entram pelo portão do lado esquerdo da igreja, seguem até ao fundo do jardim onde está uma tenda montada. Lá dentro uma instalação com o holograma da Baubo, acompanhado de uma faixa sonora com a história da Baubo.

*≤ (••) ≥ ≤ (••) ≤*

Havia uma mulher chamada Baubo. Ela era conhecida pelo seu sentido de humor, pela sua risada e pela sua capacidade de trazer alegria aos outros. Baubo vivia na cidade de Eleusis, onde era amada e respeitada por todos pela sua natureza bem-disposta.

Um dia, Baubo ouviu falar da deusa Deméter, cuja filha Perséfone tinha sido raptada por Hades, o deus do submundo. Deméter estava devastada, e a sua tristeza fez com que o mundo se tornasse estéril e sem vida. As colheitas deixaram de crescer, e as pessoas passavam fome. A terra inteira estava envolta em escuridão e desespero.

Baubo não suportava ver o mundo naquele estado. Ela sabia que tinha de fazer algo para ajudar Deméter a trazer de volta a luz e a fertilidade à terra. Com a sua determinação inabalável, Baubo partiu numa jornada para encontrar Deméter e trazer um sorriso de volta ao seu rosto.

Depois de viajar muito, Baubo chegou finalmente a Deméter, que estava mergulhada na sua tristeza e luto pela filha. Baubo sabia que tinha de fazer algo realmente especial para fazer Deméter rir novamente. Começou por contar histórias engraçadas e fazer piadas tolas, esperando levantar o animo de Deméter. Mas, apesar dos seus melhores esforços, Deméter continuava triste e desanimada.

Sem se deixar deter, Baubo concebeu um plano. Decidiu algo inesperado e extravagante para quebrar a tristeza de Deméter. Baubo levantou a saia e com um sorriso travesso no rosto, mostrou as suas partes íntimas a Deméter. Para sua surpresa, Deméter desatou a rir ao ver o gesto inesperado de Baubo.

Naquele momento, o ato irreverente e humorístico de Baubo surtiu efeito. As gargalhadas de Deméter ecoaram por todo o mundo, e à medida que as suas gargalhadas se espalhavam, o mundo á sua volta começou a transformar-se. A terra estéril subitamente brotou vida. Flores desabrocharam, as colheitas cresceram abundantemente, e a escuridão que envolvia o mundo dissipou-se.

Agradecida pela capacidade de Baubo de trazer alegria e riso mesmo nos momentos mais sombrios, Deméter concedeu-lhe uma grande honra. Ensinou a Baubo os rituais secretos e os mistérios do seu culto, tornando-a um símbolo de poder feminino, humor e resiliência.

A partir desse dia, Baubo tornou-se uma figura admirada em Eleusis e além. Ela lembrava às pessoas a importância do riso e de encontrar alegria, mesmo diante da adversidade.

A história de Baubo espalhou-se por todo o lado, e ela tornou-se um farol de luz e riso, mostrando ao mundo que o humor e uma atitude positiva podem trazer cura e renovação.

**Continua**

**Anexo E – História da Santa Quitéria (autocolante)**

**NUMA ERA PASSADA, NA ANTIGA CIDADE DE BRÁCARA AUGUSTA, VIVIA UMA JOVEM DE ESPÍRITO DESTEMIDO CHAMADA QUITÉRIA. ELA ERA UMA SONHADORA, UMA EXPLORADORA DO DESCONHECIDO, CUJA CORAGEM DESAFIAVA AS NORMAS ESTABELECIDAS. NO SEU CORAÇÃO, PULSAVA A BUSCA PELA VERDADE E PELA LIBERDADE.**

**QUITÉRIA, NEGOU-SE A SER REDUZIDA A MERA MERCADORIA MATRIMONIAL, RECUSANDO O CASAMENTO ARRANJADO PELO SEU PAI. ELA DESEJAVA TRAÇAR O SEU PRÓPRIO CAMINHO. O SEU PAI, CONSUMIDO PELA IRA E PELO MEDO, CONDENOU-A À MORTE. MESMO PERANTE A IMINÊNCIA DA EXECUÇÃO, QUITÉRIA MANTEVE SUA DETERMINAÇÃO INABALÁVEL. QUANDO ENFRENTOU A LÂMINA AFIADA, O SEU SANGUE MANCHOU A TERRA E A CABEÇA, ANTES ERGUIDA E DESAFIADORA, AGORA ROLAVA PELOS GRÃOS DE AREIA.**

**MAS A HISTÓRIA NÃO TERMINA AQUI. NO MOMENTO FATAL, ALGO EXTRAORDINÁRIO ACONTECEU. O CORPO SEM VIDA DE QUITÉRIA, ERGUEU-SE, MOVIDO PELA FÚRIA E ANIMADO PELA CORAGEM. QUITÉRIA PEGOU NA PRÓPRIA CABEÇA E PARTIU, DAÍ EM DIANTE CAMINHANDO PELO MUNDO COMO UM LEMBRETE IMPLACÁVEL DE QUE NENHUMA FORMA DE OPRESSÃO PODE CALAR A ALMA INDOMÁVEL.**

## Anexo F – Manifesto Ilustração da Isadora Machado.

Este manifesto foi distribuído pela audiência durante a apresentação pública. O texto partilhado neste manifesto pode ser lido com uma oração, um mantra.



pequeno é bom. pequeno é tudo.  
(o que é pequeno reflete o que é grande)

a mudança é constante  
(sou como a água)

confio nas pessoas  
(confiar nas pessoas torna-as dignas de confiança)

nunca um fracasso. sempre uma lição

avanço ao ritmo da confiança

invisto em conexões críticas.  
(construir relações constrói resiliência)

menos preparação, mais presença.

aquilo a que prestamos atenção, cresce.

as minhas relações são a medida da minha força  
cada hora contém a potencia de um novo começo

vivo uma vida da qual não me arrependo  
(uma vida que ressoará com a das minhas ancestrais  
e com tantas gerações futuras quantas as que eu possa imaginar.)

movimento-me ao ritmo da confiança

quando me distingo de ti, não me afasto  
(aproximo-me)

estou em perpétua revolução

observo sem julgar o que acontece à minha volta  
identifico o que sinto como resultado da minha observação  
que necessidades estão ligadas ao sentimento identificado

expresso clara e honestamente o meu pedido

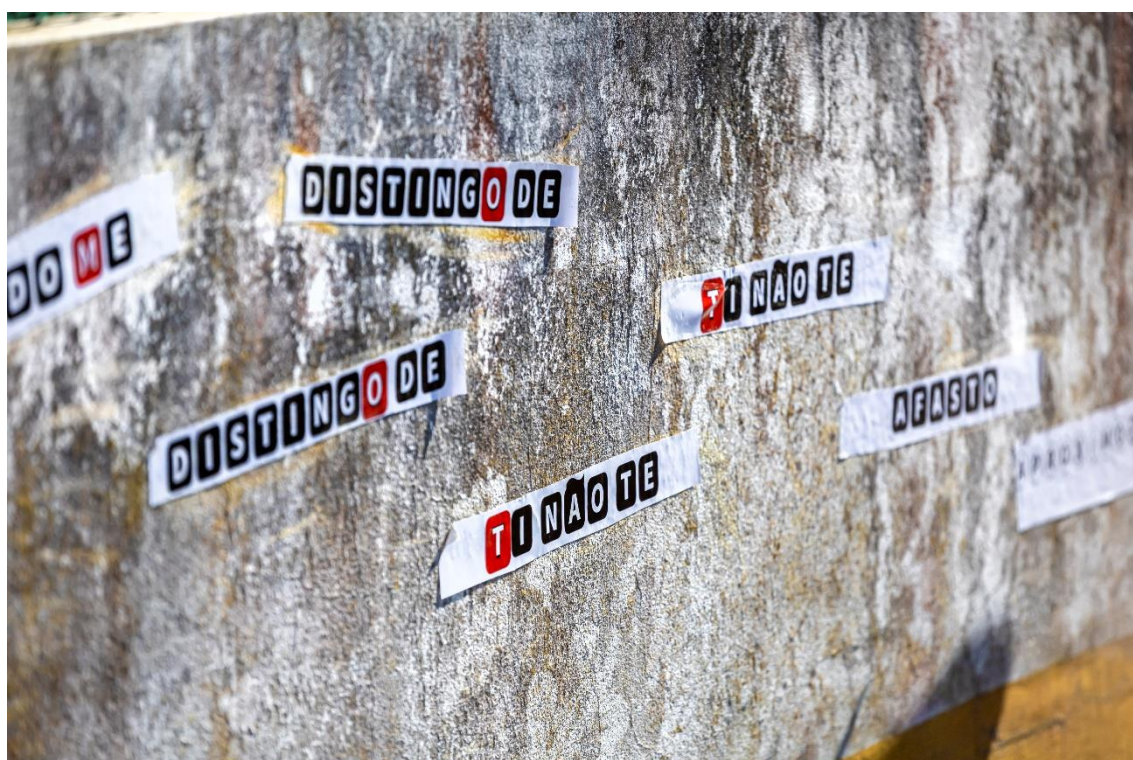
## Anexo G – Apresentação Fotográfica

Este anexo é uma partilha do o registo de imagem feito por Gil Álvaro de Lemos na estreia da *Voz do Útero* em Regueira de Pontes, Leiria a 25 de junho de 2023.

As imagens respeitam a ordem cronologica da apresentação.

Existe ainda o registo de vídeo feito por Carlos Romeira. O *link* para a visualização do vídeo já foi partilhado anteriormente na p. 24 e bibliografia trabalho.





















ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO

**M**

MESTRADO  
ARTES CÉNICAS  
INTERPRETAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

Voz do Útero: No momento em que me distingo de ti, não te  
afasto (aproximo-me)

Ana Margarida Fernandes de Carvalho

